

Em comunhão com as

viDas

das mulheres



Nome: Helga Maas Eggert

Participação na IECLB: Desde o Batismo

Comunidade: Evangélica Luterana dos Apóstolos -
Paróquia Apóstolo João

Sínodo: Norte Catarinense

Meu nome é Helga Maas Eggert, nasci em Guaramirim - SC, tenho 85 anos, sou viúva e tenho seis filhas e um filho. Minha mãe era do interior de Jaraguá do Sul - SC e meu pai da cidade de Pomerode - SC. Meu pai e minha mãe eram agricultor e agricultora. Minha família é luterana desde antes de vir para o Brasil. Eu tenho muito orgulho disso. Sou Luterana desde o meu batismo, quando bebê.

Pertenço a Comunidade Evangélica Luterana dos Apóstolos, ligada à Paróquia Apóstolo João, Jaraguá do Sul-SC. Participo dessa comunidade desde o tempo da sua fundação. Ela teve o seu início inspirado pela Evangelização Tempo, Talento e Tesouro. Essa evangelização tinha como objetivo a formação de pontos de pregação nos bairros da cidade de Jaraguá do Sul.

A partir dessa evangelização e do grupo de mulheres da OASE, deu-se início aos encontros da OASE no Bairro Centenário. Esse grupo de OASE começou em minha casa. Ainda guardo em minha casa a cruz da fundação do grupo OASE Antúrio.

A comunidade dos Apóstolos teve início com o grupo da OASE que, a partir de 1968 começou a se reunir, uma vez por mês no domingo à tarde. Meu esposo Alitor Eggert buscava as mulheres e as trazia para os encontros em nossa casa. Éramos entre 10 e 12 mulheres.



Em comunhão com as

viDas das mulheres

Inicialmente as reuniões da OASE foram realizadas em minha casa. Até que num dado momento, por iniciativa de uma cunhada, que era contrária ao uso da televisão, o grupo ficou um tempo sem se reunir. Mais tarde, o grupo voltou a se reunir na escola Carlos Vassel.

Na escola também ocorriam cultos e a reunião de um grupo de canto. Com o passar do tempo, as pessoas sentiram a necessidade de construir um local próprio para os cultos e as atividades do grupo. Uma série de atividades foram realizadas para angariar fundos: cafés, bingos, brindes confeccionados pelas mulheres da OASE. Tivemos bons resultados e dali surgiu a perspectiva da compra de um terreno.

Eu e o meu marido vendemos o terreno para a comunidade a um preço simbólico. Isso, porque o terreno que tínhamos era bem localizado, livre de enchente e tinha o projeto da construção de uma rua, que facilitava o acesso. Nesse terreno foi construído um galpão, do qual eu e o meu marido tínhamos a chave e cuidávamos de tudo.

Fico muito feliz porque a comunidade está localizada ao lado da minha casa. Na comunidade servi através de leituras bíblicas nos cultos, coordenação da OASE e também gostava muito de fazer os registros dos encontros. Também cuidei por um tempo da limpeza do templo e do pátio.

Atualmente, tenho preocupação com o futuro da comunidade, que pessoas novas participem e continuem a tocar (os trabalhos da) a comunidade. Pois já fiz a minha parte. No início, visitamos todas as pessoas, membros da comunidade, para motivar a participarem.



Em comunhão com as

viDas das mulheres

Algo que lamento muito é que, em virtude da construção de uma nova rua, o templo da nossa comunidade foi destruído. Fato que gerou esvaziamento e desmotivação de parte de membros. Estamos, porém, na perspectiva da construção de um novo templo, num outro terreno, vendido pelo meu filho a um preço simbólico para a comunidade.

Fico feliz pela comunidade permanecer ao lado da minha casa. Pois posso continuar participando da OASE, dos cultos e do grupo das pessoas Idosas. Gosto do convívio com as pessoas, de estudar a palavra de Deus, de ajudar, cuidar e alimentar a minha fé na comunidade.

Algo que considero muito importante é o estudo. Eu não pude estudar, pois minha família tinha a concepção de que mulher estava aí para ser esposa e mãe e para isso não era necessário estudar. Para mudar essa lógica sempre incentivei e fiz de tudo para minhas filhas e o meu filho estudarem. Ensinei a elas e a ele a importância do estudo e da participação da vida na comunidade.

(História redigida por Pamela Milbratz)